



Educação Modelo: Plantio de empretecSER ou colheita de branquitude

A identidade homossexual na escola: entre a naturalização negativa e o espanto do reconhecimento positivo

Ângela Eça de Oliveira Almeida¹

RESUMO

A frase que abre esta reflexão reflete um caso ocorrido no Colégio Estadual Paulo Freire, exclusivo na etapa do ensino médio, na cidade de Jequié, no estado da Bahia: “A mãe de um aluno, que não autorizou que a escola a identificasse para a professora, dirigiu-se à direção e à coordenação e apresentou uma denúncia acerca de uma fala da professora Ângela Eça (eu mesma) em sala de aula enquanto ministrava o Itinerário Língua, Linguagem e Empoderamento Social. Segundo a mãe, durante a exposição do projeto EmpretecSERr o Modelo, o estudante afirmou que não gostava de homossexuais, ao que a professora respondeu: 'Como você sabe que não é um?'. Denúncias como estas são recorrentes desde 2021 quando efetivo a educação antirracista e antissexista no discurso e na prática. A denúncia citada, ilustra a complexidade e a tensão em torno da identidade homossexual dentro do espaço escolar, atravessado por discursos que ora reproduzem preconceitos, ora tentam questioná-los. No contexto das escolas públicas baianas, marcadas pela orientação do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) desde 2021, que enfatiza a urgência da inclusão transversal e do empoderamento de categorias como raça, gênero, sexualidade, religiosidade e classe, essa situação torna-se ainda mais significativa já que a Secretaria de Educação do Estado da Bahia ofertou um curso on-line para estudo e operacionalização do DCRB, no entanto aqui na escola apenas duas professoras finalizaram. Este artigo busca analisar como a identidade homossexual é naturalizada de forma negativa na educação básica e como o reconhecimento positivo dessa identidade causa espanto e resistência, dialogando com as reflexões de Michel Foucault, em *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*; Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* e as orientações do DCRB.

Palavras-chave: Branquitude, Educação Antissexista, Pensamento Crítico, Escola Pública, DCRB.

¹ Mestranda do Curso de **Etnicidade, Memória e Educação** da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, luaangela15@gmail.com;



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Educação Modelo: Plantio de empretecSER ou colheita de branquitude

A identidade homossexual na escola: entre a naturalização negativa e o espanto do reconhecimento positivo

Michel Foucault, em sua análise sobre o poder disciplinar em *Vigiar e Punir*, aponta a escola como uma instituição que reproduz mecanismos de vigilância, controle e normatização dos corpos e comportamentos. Nesse sentido, a identidade homossexual, quando expressa ou insinuada, torna-se alvo de escrutínio, censura e, frequentemente, de rejeição. A fala do estudante, “Não gosto de homossexuais”, revela como a homofobia é internalizada desde cedo como parte do discurso normativo que circula nas relações escolares. Ao replicar com a pergunta “Como você sabe que não é um?”, o professor tensiona esse discurso, desestabilizando as bases do preconceito e sugerindo que a identidade sexual não é um elemento tão fixo ou previsível quanto se imagina.

Entretanto, tal gesto subversivo também expõe a violenta reação do poder disciplinar. A resposta da professora, ao provocar reflexão, desafia o regime de verdades estabelecido no espaço escolar e, por isso, gera incômodo e represálias, como a ameaça de uma denúncia ao Ministério Público. Aqui, vê-se a escola como um aparato que, ao mesmo tempo que deveria promover a formação crítica, frequentemente reafirma normas sociais conservadoras.

Identidade e alteridade: Beauvoir e o "Outro" homossexual

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, descreve como a opressão de gênero constrói a mulher como o "Outro" em relação ao homem. Esse conceito pode ser expandido para compreender como a identidade homossexual é constituída como o "Outro" indesejável na sociedade heteronormativa. No espaço escolar, o "Outro" homossexual é alvo de exclusão simbólica, manifesta na naturalização de discursos como do estudante que rejeita a homossexualidade como algo intrinsecamente "ruim" ou "anormal".

Por outro lado, o reconhecimento positivo da identidade homossexual, ainda que incipiente, provoca desconforto porque desafia estruturas de poder. Quando a professora questiona a certeza do estudante sobre sua própria identidade sexual, ele também sugere que as fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade são fluidas e construídas socialmente. Esse tipo de provocação intelectual pode ser entendido como um convite ao empoderamento e à inclusão, em consonância com as diretrizes do Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB).



A urgência de um currículo emancipador

O DCRB propõe uma abordagem transversal que integre as categorias de raça, gênero, sexualidade, religiosidade e classe como eixos centrais do processo educacional. Contudo, sua implementação encontra resistências em uma sociedade profundamente marcada por estruturas de poder que privilegiam a norma heterossexual. A resposta da professora no caso em questão, embora polêmica, deve ser interpretada como um ato pedagógico que busca abrir espaço para o debate e a reflexão crítica.

A naturalização negativa da identidade homossexual nas escolas é um reflexo de um contexto mais amplo de exclusão e violência simbólica contra corpos e subjetividades dissidentes. Por outro lado, o espanto diante do uso positivo da identidade homossexual revela a potência transformadora da educação quando esta se propõe a questionar as normas vigentes. Como afirma Foucault, o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, e é precisamente nos espaços de resistência que novas possibilidades de subjetivação podem emergir.

Conclusão

A tensão entre a naturalização negativa e o reconhecimento positivo da identidade homossexual nas escolas é um campo de disputa que reflete os limites e as possibilidades da educação emancipadora. Dialogando com Foucault e Beauvoir, é possível compreender que a escola, enquanto espaço de formação e disputa simbólica, tem o potencial de subverter narrativas opressoras e de empoderar identidades marginalizadas. Cabe as educadores, gestoras e à sociedade como um todo assumir o compromisso de construir um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo, onde a pluralidade de gênero e sexualidade seja celebrada como parte essencial da experiência humana.